



## Investigações-vidas em educação

### Life-research in education

## Investigaciones-vida en la educación

Alfrancio Ferreira Dias<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

**Autor correspondente:**

Alfrancio Ferreira Dias

E-mail: diasalfrancio@academico.ufs.br

**Como citar:** Dias, A. F. (2026). Investigações-vidas em educação. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 7(1), e20450. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks7120450>

### RESUMO

Nesse texto reflito sobre minha instabilidade epistêmica ou sobre meus processos de desaprender, decompor, deseducar, de migração ou de ficar sem lugar na pesquisa em educação. Utilizei a ideia de quebra de Jota Mombaça, como tentativa delirante de compor pistas dos efeitos de gritaria em tempos de guerra epistêmica. O argumento está dividido em Quebras. A primeira trata da escrita do texto *Escrevivências trans\* como potência* (2020); a segunda está, intimamente, ligada ao processo de orientação na pós-graduação; a terceira quebra é discutida a partir da criação do ConQuer - Grupo de estudos e pesquisas *queer* e outras epistemologias feministas (CNPq); e, a quarta sobre a elaboração do projeto de pesquisa *Investigações-vidas em educação: memórias, escrevivências, ativismos e alianças políticas na educação* (2023). Concluo com o argumento de que as investigações-vidas em educação podem nos ajudar a questionar a ideia do sujeito autônomo, a pedagogia intelectualizada e a linearidade da mediação pedagógica (Freire, 1987). Suas provocações surgem, com força, da necessidade de enunciar um saber sensível sobre nossa sobrevivência e afetos nas teorias da educação, nas práticas de formação e no cotidiano, ou seja, um currículo-vida, rizomático e afetivo.

**Palavras-chave:** Investigações-vidas. Pesquisa narrativa. Pesquisa em educação.

### ABSTRACT

In this text, I reflect on my epistemic instability, or on my processes of unlearning, decomposing, uneducating, and migrating, or being left without a place in educational research. I used Jota Mombaça's idea of "break" as a delirious attempt to compose clues to the effects of shouting in times of epistemic war. The argument is divided into Breaks. The first deals with the writing of the text "Trans\* Writings as Potential" (2020); the second is intimately linked to the process of supervision in postgraduate studies; the third break is discussed from the creation of ConQuer - Queer Studies and Research Group and other feminist epistemologies (CNPq); and the fourth is the elaboration of the research project "Investigations-lives in education: memories, writings,

artivisms and political alliances in education" (2023). I conclude by arguing that life-investigations in education can help us question the idea of the autonomous subject, intellectualized pedagogy (in its disconnection from affects and bodies), and the linearity of pedagogical mediation (FREIRE, 1987). Their provocations arise, forcefully, from the need to enunciate a sensitive knowledge about our survival and affects in educational theories, in training practices, and in everyday life, that is, a life-curriculum, rhizomatic and affective.

**Keywords:** Life-investigations. Narrative research. Research in education.

## RESUMEN

---

En este texto, reflexiono sobre mi inestabilidad epistémica, o sobre mis procesos de desaprendizaje, descomposición, deseducación y migración, o sobre mi exclusión de la investigación educativa. Utilicé la idea de «ruptura» de Jota Mombaça como un intento delirante de componer pistas sobre los efectos del grito en tiempos de guerra epistémica. El argumento se divide en «rupturas». La primera aborda la escritura del texto «Escrituras Trans\* como Potencial» (2020); la segunda está íntimamente ligada al proceso de supervisión en estudios de posgrado; la tercera se aborda a partir de la creación de ConQuer - Grupo de Estudios e Investigación Queer y otras epistemologías feministas (CNPq); y la cuarta es la elaboración del proyecto de investigación «Investigaciones-vidas en educación: memorias, escrituras, artivismos y alianzas políticas en educación» (2023). Concluyo argumentando que las investigaciones de vida en educación pueden ayudarnos a cuestionar la idea del sujeto autónomo, la pedagogía intelectualizada (en su desconexión de los afectos y los cuerpos) y la linealidad de la mediación pedagógica (FREIRE, 1987). Sus provocaciones surgen, con fuerza, de la necesidad de enunciar un conocimiento sensible sobre nuestra supervivencia y nuestros afectos en las teorías educativas, en las prácticas formativas y en la vida cotidiana; es decir, un currículo de vida, rizomático y afectivo.

**Palabras clave:** Investigaciones de vida. Investigación narrativa. Investigación en educación.

## INTRODUÇÃO

---

Pesquisa. Pesquisar. Coletar. Analisar. Resultados. Artigo. Ler. Perguntar. Compor. Descrever. Publicar. Orientação. Divulgar. Evento. Lattes. Autoria. Aula. Cadeira. Corpos. Lixeira. Internacionalização. Ler. Ver. Ser. Memórias. Investigar. Identificar. Banca. Avaliar. Tempo. Objeto. Resultados. Método. Reescrever. Cortar. Ética. Sujeito. Poder. Interesses. Vantagens. Questionário. Entrevistas. Observação. Documentos. Corpo. Parecer. Estágio. Bolsa. Projeto. Tese. Licença. Abraço. Afeto. Tese. Escuta. Viver. Encruzilhada. Vida.

Quantas ações são possíveis na pesquisa em educação? Esses são alguns(mas) que acionei para iniciar esse texto e propor diálogo a partir da provocação enunciada por Dayanna Louise em *Vai ter BO: narrativas transvestigeneres para além das celas* (2024), ao nos questionar: "Quantas palavras cabem numa pesquisa?" (Louise, 2024, p. 01). Para além de uma estilística sofisticada e original, ela nos destaca que nossas "referências bibliográficas e recortes investigativos representam um pouco da tessitura do mundo que habitamos, indicando aquilo que nos parece ser tão caro ao mesmo tempo que expõe nossa capacidade de se (re)posicionar diante da vida" (Louise, 2024, p. 01). A provocação deslenguada e cortante com uma navalha de Dayanna Louise, surge com força, produzindo em mim um efeito da instabilidade epistémica e metodológica. Afrontar. Abalar. Quebrar. Desmoronar. De algum modo, tirar da malinha teorias e métodos que não me representam mais.

Ao longo dos últimos anos tenho ministrado aulas sobre metodologias de pesquisa em educação e orientado diversos trabalhos de dissertação e tese. Há uma gritaria enorme e selvagem em mim. Dela, emana questões adocicadas e, às vezes, outras tantas venenosas. Assim, sigo escutando e refletindo acerca das possibilidades de rotas insurgentes para meu cenário de

vida na pós-graduação em educação, para além dos impostos pela cisheteronormatividade e colonialidade epistêmica.

O que é educação? Como se define o que pertence ao campo da educação? O que nos ensinaram sobre o campo da educação? Como se constituem os processos educativos? Para que se investiga o campo da educação? como compreendemos a educação como um objeto de reflexão e de análise científica? De qual ciência falamos quando abordamos os fenômenos educacionais? Quem define o que é ciência? Afrontar. Criar atrito na norma. É a norma estabelecer fronteiras rígidas, primeiro, do que conta como ciência, e depois, de quais sujeitos são válidos de serem visibilizados nas universidades (Dias, 2020). Borrarr, riscar, demolir e estraçalhar as ideias que foram disseminadas a partir de critérios de validação do conhecimento baseados nas noções de objetividade, neutralidade, racionalidade, dicotomia sujeito-objeto, visto que por muito tempo foram (e arisco a dizer que ainda são) tomadas como padrões universais (Dias et.al., 2023). Ao atritar e afrontar a norma, podemos materializar e abrir brechas para a criação de um fazer pesquisa na educação como lugar/espaco/território de resistência e de assujeitamento (Rocha, 2023).

Estou determinado a descrever sobre minha instabilidade epistêmica ou sobre meus processos, desaprender, decompor, deseducar e de migração ou de ficar sem lugar. Esse movimento de gritaria começa a produzir efeitos de quebra em mim (Mombaça, 2021). Utilizarei a ideia de quebra de Jota Mombaça, com tentativa delirante de compor pistas dos efeitos da gritaria. Espero não ser cobrado por um bom uso ou encaixe explicativo que legitime a potência dele. Essa é a minha leitura e ela está sendo feita num processo de indefinição. Talvez, essa é potencialidade dele “resistência de definição” e “força incapturável” (Mombaça, 2021, p. 24).

Pergunto a você que lê comigo esse texto: já leu um texto de uma travesti ou de mulheres e homens trans? Pesquisou o que elas e eles têm a nos dizer sobre corpo, gênero, sexualidade, classe, raça e outros marcadores? Que referências teóricas você privilegia para fundamentar sua escrita e suas pesquisas? Fiz esses questionamentos depois de participar de uma das edições do Semana de Visibilidade Trans de Aracaju, na qual, num exercício de escuta, tive acesso a autonarrativas e saberes trans. Arisco a palpitar que você, assim como eu, foi provavelmente colonizado por um conhecimento eurocêntrico cisheterossexual. Esses corpos-políticos são estratégias de quebra na norma, pois eu comecei a ver o início potente de caminho de produção, de divulgação e de disputa.

Para Mombaça (2021, p. 24) a quebra “não se define porque não cabe em si mesma, porque quando uma vidraça arrebenta, os estilhaços correm para longe, sem nenhuma ordenação plausível”. Sim, campo de disputa, de guerra epistêmica, de estilhaços afiados e desgovernados. Nessa guerra, eu estaria em posição de privilégio, que estava pronto para demolir ou deixar-me atritar, pois era uma saída possível para uma posição contracolonial ou em espaços de fronteiras. Talvez, “habitar espaços irrespiráveis, avançar sobre caminhos instáveis e estar a sós com o desconforto de existir em bando, o desconforto de, uma vez, juntas, tocarmos a quebra uma das outras” (Mombaça, 2021, p. 26).

Instável. Sem chão. Sem certeza. Essas sensações gritantes e desconfortáveis foram se potencializando ao longo dos últimos anos, nos espaços de escuta e diálogo constantes com estudantes da graduação e da pós-graduação. Andar em bando e tocar outras quebras como das pessoas que desaprendi a orientar nos cursos de mestrado e doutorado, era um exercício de entrelaçar o “corpo de pesquisa” ao “corpo que pesquisa” como aponta Dayanna Louise (2024, p. 01). Nesse processo, começo a buscar pelas teorias que se cruzam, se esbarram, que viajam ou de cor ar (Mombaça, 2021; Pereira, 2015). Vou ensaiar descrição de minhas quebras ou seus efeitos.

## QUEBRA I

---

Eu diria, que quando escrevi o texto *Escrevivências trans\* como potência* (2020), eu estava no meu primeiro estágio da quebra. Assumo que ele já me causa vários incômodos, como, por exemplo, minha fragilidade de análise interseccional. Contudo, naquele momento, eu tentei escrever sem concessões, justificativas ou medo, com mais liberdade e policiamento ético-político. Era uma tentativa de afronte.

Meu objetivo naquele texto era discutir uma analítica de gênero a partir do movimento das epistemologias trans. Descrevi, de alguma forma, como a escrita trans é potencializadora do autoconhecimento, legitimando, assim, novas formas de produzir conhecimento e os efeitos que produziu em mim, estimulando-me a descrevê-las e aprender, em vez de teorizar sobre suas vidas. Considero nele, também, como as epistemologias trans produzem uma pedagogia trans que desenvolve o ensino, ampliando a representatividade desse conhecimento, a partir de uma abordagem pedagógica pautada nos princípios de *ensinar como trans* (autorrevelação feminista que fortalece/amplia espaços de compartilhamentos das experiências trans), *ensinar sobre trans* (visibilizar ao universo trans no ensino) e *ensinar com epistemologias trans* (afirmar que o ensino trans, além de ser incorporado em práticas outras de produção do conhecimento, é, em si mesmo, epistemológico, ou seja, produtor de conhecimento) (Dias, 2020).

Outro argumento que eu destacaria dessa primeira quebra, foi o de reconhecer o exercício diário resistir a estabilidade da norma, pois a cisheteronormatividade, além de produzir marcas no meu corpo ao longo da minha vida, ela também (re)produz uma escrita acadêmica elitista, classista, racista e generificada. Isso me fez lembrar de como existe uma marcação de campos disciplinares (o que é um objeto de pesquisa de educação, ou não, por exemplo). Essa é uma forma de estabelecer fronteiras rígidas, primeiro, do que conta como ciência, e depois, de quais sujeitos e objetos são válidos de serem visibilizados em termos de pesquisa (Dias, 2020).

Questionar. Criticar. Afrontar. Venenar. Pronto, dava início a minha fase mais crítica ou popularmente falando “deixei de ser besta”. Já não era obrigado a nada. Minha primeira rebeldia na escrita. Tirei o peso das costas em não precisar mais traduzir, esclarecer ou explicar tudo. Isso foi libertador. Uma viada insubordinada. Não sei se quem teve acesso ou leu identificou isso. Era o que eu sentia. A gritaria que me apavorava, também era uma virada política que cavalgava no meu corpo experimentando devaneios de uma linguagem mais selvagem (Flores, 2021). Essa virada é um processo de interseccionalizar meu tempo/sentido/corpo/ação e explorar a arte como potencial de produzir reflexões, ou seja, atritos. Especificamente, pesquisar *sobre nós com nós*.

## QUEBRA II

---

O segundo estágio de quebra está, intimamente, ligado ao processo de orientação. A gritaria é estrondosa, desordenada, pulsante e indomável. Fui estilhaçado ao longo dos anos por todos os lados. Não tive conforto, controle e fronteiras rígidas, pois andar em bando e, especificamente, com o bando que círculo, acionar meu lugar de privilégio (orientador) não foi uma opção bem sucedida. De fato, o efeito da colonização das minhas andanças ainda era evidente e enraizado profundamente. Contudo, borradas e arrancadas rapidamente pelas interrupções do bando. Em *“interrupciones”. Ensayos de poética activista* (2013), Val Flores é cirúrgica em compor uma descrição assertiva dessas interrupções.

Interrupción: modo poético de cortar una conversación a la que no fuiste invitadx pero de la que se es objeto de su dicción. procedimiento afectivo de desconectar el circuito del sufrimiento infinito. práctica política de desmontar las convenciones de lo escuchable. indisciplina de un saber que irrumpe en las coordenadas del corpus hegemónico del conocimiento. falla en la serialización subjetiva en la que múltiples vidas exigen pasaje

perforando la lengua del poder. deseo de molestar todo universo jerárquico de creencias. inversión de la mirada, giro del habla. intervalo provocado por la implantación de un piquete de problemas en la reiteración de un hábito perceptivo o mental (flores, 2013, p. 04).

Interrompido. Desconvidado. Desligado. Desmantelado. Indisciplinado. Perturbado. Problematizado. Perfurado. Deseducado. Mudado. Foi estilhaços de todos os lados que escrevem e cortam por línguas. Para o meu lugar estável (docente/pesquisador/orientador), essas línguas foram cortantes, desterritorializadas, indigestas, Cuir, decoloniais e necessárias. O bando faz da desordem ferramenta poética de desaprendizagens. Na feitura desse texto, destaco alguns desses atritos. Não vou justificar o acionamento, muito menos hierarquizados. Meu propósito é pedagógico, visto que o meu movimento de tocar outras quebras é indisciplinado, rizomático, quase da cor de ar. Não esperem justificativas.

Helma de Melo Cardoso (2020), refletiu sobre os efeitos das subjetividades das professoras trans no currículo do Ensino Superior em universidades nordestinas. Nossos atritos de quebra nos fizeram reconhecer que precisávamos abandonar o caráter normativo da pesquisa e pensar os fenômenos sociais como múltiplos para narrar, localizar, descrever, problematizar e observar de fissuras que as professoras faziam no centro da norma. Nossas caixas de ferramentas analíticas não possuíam uma que servisse para esse campo. Assim, Cardoso (2020) foi compor uma analítica a partir dos estudos *queer* e trans de narrativa de si, especialmente, inspirada em Butler (2017), pois não era apenas narrar “simplesmente uma sequência de fatos interligados numa sequência de eventos com transições plausíveis, mas recorre ao público com o objetivo de persuadir” (Cardoso, 2020, p. 25). A quebra da Helma situava-se nos limites coloniais dos modos de fazer pesquisa e que as professoras trans mostraram que precisamos nos mover, migrar, desapegar.

Pedro Paulo de Souza Rios (2019) atritou imensamente no bando. Era a realização de uma pesquisa narrada/composta/escrita por que performava, assim como eu, uma docência viada. Então, percebi que esse atrito era celebrativo de vida, as narrativas autobiográficas, as experiências, as memórias, as histórias, as performances e existências de docentes gays afeminados que atuam na educação básica eram vibrantes, transgressores, alforriadas e de fronteiras criativas. Acompanhar, também, uma pesquisa com narrativas (auto)biográficas evidenciou como eu tinha uma forma seletiva de pensar entrevista como estratégia de coleta de dados.

Ainda sobre esse seletivo uso de entrevista, destaco a experiência de atritar com André Ricardo Lucas Vieira (2022), por dois motivos. O primeiro se trata do uso teórico-metodológico da pesquisa narrativa, tendo o sujeito e a realidade formativa como indissociáveis, ou seja, pesquisa narrativa é um processo compreensivo/interpretativo das narrativas/experiências de quem vive. A quebra dos limites da relação de quem pesquisa e de quem é pesquisado. O segundo seria sobre a forma confortável de criação de plano de leituras a ser sugestivas por mim. Não cabia a mim, elaborar ou dizer o que ler. Meus planos, roteiros, receitas a ser sugeridas foram varridos, esquecidos. Eles não eram mais precisos. O espaço de criação tinha que partir do bando, e, isso foi intensificado por Késia dos Anjos Rocha (2023) e Dayanna Louise (2024).

Késia dos Anjos Rocha (2023) e suas muitas atritações produziu efeitos destruidores na minha ordem colonial de orientar, com língua cortante e gotas de chuva de afeto. Desaprendido, descolado, derrubado. Efeitos de nossos encontros. Ela fez da pesquisa mobilização conceitual e afetiva cruzada a partir das teorizações feministas, *queer* e contracoloniais. Fez do “exercício de pensar com as teorias”, um caminho metodológico de pesquisa de aliança constante, com “gestos instáveis de um *pesquisar cuir/queer* apresento a feitura de uma *Cuiradoria* como caminho de pesquisa” (Rocha, 2023, p. 04), ela apostou e produziu um processo de pesquisa de criação com forte inspiração nas leituras de Val Flores. Com inovação e originalidade ela provoca “*interrupções/interruções* na ordem hegemônica, de pensar a arte e a educação como

possibilidades de rupturas críticas nas programações binárias de gêneros e sexualidades e na ordem colonial ainda vigentes, inspiram a feitura de uma educação sem juízo” (Rocha, 2023, p. 04). Além disso, a Késia me apresentou generosos estilhaços de outras leituras e outros modos de escrever em colaboração, como os textos *Vozerio: memórias, escrevivências e alianças políticas na educação* (2022) e “Vai que a universidade se Trans\*Forma”: experiências e epistemologias trans\*” (2022), ambos em parceria com Ariel Matos Brito, também produtora de atritos.

Belijane Marques Feitora (2022) com sua auto(orís)etnografia foi avassaladora. Nossas quebras se cruzaram com efeito de jogos dos festejos junino nordestino: barulhentos, luminosos, desorganizados e fumacentos. Com ela aprendi que o terreiro é um campo de movência e de feitura de ensinagens e aprendizagens que conectam corpos, saberes e memórias como potências para a formação de um pesquisador antirracista, antissexista e contracolonial. Também, a partir da criação de um pesquisar auto(orís)etnograficamente, dela é possível aprender a narrar experiências outras de ser/viver/formar/estar no mundo.

A atritagem com Thomas Cardoso Bastos Santos (2023) provocou riscos hormonais. Uma aposta vibrante de pensarmos a arte e a escrita transmasculina como rotas de fuga para a educação, ou o “rompimento crítico nas programações binárias de gêneros e sexualidades. São mapas que evidenciem condições que nos permitem fabricar a liberdade”.

Retomo a argumentação inicial desse, para falar sobre Dayanna Louise. Uma pesquisadora performando desobediência epistêmica gritante e a navalhadas. Certamente, não me arriscar defini-la. A considero-a uma exemplificação da impossibilidade de uma exatidão de definição, ela por si só é a quebra. Nossos atritos me deseducaram, pois ela faz do Cuirlombo um território artista e está produzindo uma tese-denúncia ao compor um “paranaúê epistemológico para problematizar, desafiar e transcender a hegemonia disciplinar branca, cisheteronormativa e colonial, apresentando e festejando a construção de outras narrativas” (ConQueer, 2022).

Há forte indício de um novo encontro de quebra. Descrevo depois, quando dos atritos sangrarem.

### QUEBRA III

---

A criação do ConQueer - Grupo de estudos e pesquisas *queer* e outras epistemologias feministas (CNPq) também foi uma quebra. Com os atritos com outras quebras, num diálogo sem linearidades, promove novas compreensões teóricas e metodológicas em torno dos estudos lésbicos, gays, trans, queer, negros e decoloniais e das produções artísticas. Uma tentativa de oficializar o bando também como grupo de pesquisa. Tentei agrupar os atritos em três eixos sem intenção de juntar todos os estilhaços: Epistemologias Feministas; Estudos Queer e Trans; Estudos decoloniais. Conta com a participação de pessoas de diversas instituições e estudantes de graduação e pós-graduação que desenvolvem pesquisas nas temáticas, ou seja, com gente do bando e pessoas que atritam de longe.

A criação da primeira edição da Conferência Internacional de Estudos Queer – ConQueer (2018) foi quebra. Original. Uma possibilidade. Uma praga que nasceu no Nordeste brasileiro para explorar as várias dimensões que as epistemologias feministas *queer* nos oferece para pensarmos e analisarmos a dinâmica das relações sociais em diversos contextos socioculturais em que se manifestam. Naquele momento, o olhar acadêmico tendeu-se a deslocar-se para diferentes realidades, em busca de inspiração teórico-metodológica e ativista de enfrentamento ao momento obscuro que estávamos vivendo no Brasil. Ataques como os manifestados contra a participação da Judith Butler em eventos acerca dos Fins da democracia, nos encorajaram a progredirmos nos estudos lésbicos, gays, trans e *queer*. Assim, nasceu o ConQueer, com línguas salivantes, desterritorializadas e gritantes para pensar o avanço científico e da promoção de

novas compreensões teóricas e metodológicas em torno dos estudos lésbicos, gays, trans e *queer*.

A segunda edição do ConQueer (2022) escancarou o meu atrito com o dando. Meu corpo já estava todo em rasuras. Assim, *Poéticas cuir*, como tema central, traduziu nosso desejo pelos deslocamentos, por fazermos das fronteiras territórios de criação e produção de narrativas múltiplas, poéticas e sensíveis. Em busca de inspirações teórico-prático-metodológicas que reafirmem o compromisso do bando, com uma comunidade acadêmica crítica às normalizações, naturalizações, essencializações, monoculturas e binarismos acerca das dissidências de gêneros e sexuais, apostamos na força da intersecção entre arte, ativismo e produção acadêmica.

Em 2024, o bando quer realizar a terceira edição. Com mais atritos e estilhaços espalhados, pretendemos contribuir para fortalecer a internacionalização dos estudos de gênero no Brasil. A proposta do bando é apresentar pesquisas de excelência realizada no Nordeste e em outros pontos do Brasil e colocar esse trabalho em diálogo com estudos de gênero em outros países, para produzir mudanças paradigmáticas nos estudos de gênero. Concretizaremos essa proposta trazendo conhecimentos do Sul e do Norte global, colocando em contato e diálogo profícuo. Igualmente, o ConQueer ambiciona tornar-se uma rede de referência dos estudos *queer* e trans no plano internacional, e para tal, tenta promover pontes entre pesquisadores de vários países, para além do fomento à criação artística contemporânea. Essa será a ideia das quebras do bando.

## QUEBRA IV

---

A elaboração do projeto de pesquisa *Investigações-vidas em educação: memórias, escrituras, ativismos e alianças políticas na educação* (2023), financiada pelo CNPq através da Chamada CNPq/MCTI n.º 10/2023 – UNIVERSAL, Faixa B - Grupos Consolidados. Esse projeto é fruto das quebras e instabilizações epistêmicas.

O objetivo geral do projeto é compreender as potencialidades das memórias, escrituras, ativismos e alianças políticas na educação para a tessitura de outros modos de existências para além dos prescritos da cisheteronorma patriarcal e colonial, com ênfase nas possibilidades de rotas de insurgências para o cenário da educação. E os específicos são: Compor narrativas de redes de pesquisas-vida que reconhecem a indivisibilidade entre pesquisa e vida; Refletir sobre memórias, escrituras e ativismos de docentes que sensibilizam e (per)(trans)formam na educação superior; Estabelecer um diálogo com as vozes dos pensamentos *queer* e transfeministas, para pensarmos sobre os corpos dissidentes de gênero na educação e sobre as possíveis estratégias de insurgências; Compreender como as manifestações/produções artísticas contemporâneas que interseccionam diferentes eixos de marcação social contribuem para a (des)articulação de epistemologias outras em educação; Discutir narrativas de professoras(es) do ensino superior relacionadas à construção de uma docência marcada pela resistência aos processos reguladores cisheteronormativos, brancos, patriarcais e coloniais e pela insistência em uma docência marginal e subversiva.

Vamos ampliar o desconformo de andar num bando maior ainda, visto que a equipe está composta por 26 pesquisadores e pesquisadoras, de diversas instituições do Nordeste e de outras regiões (UFS, UFCG, UFAL, UEFS, UESB, IFSertãoPE e UERJ) e de 5 vinculados as instituições da Espanha (Universidade de Cádiz), Moçambique (Universidade Rovuma) e Portugal (Instituto Universitário de Lisboa e Universidade da Madeira).

A proposta possibilitará refletir acerca de algumas narrativas-sangue, sobre a produção de si, enquanto corpo-carne e as estratégias de desconstruir/fazer/negociar existências ao longo de suas trajetórias-vidas. Sua utilização é oportuna para refletir sobre a compreensão de pensarmos sobre uma educação outra. Que fale de nós mesmos, a partir de nós e conosco. Uma educação que possibilite o entrelace das nossas caminhadas ao longo de nossas vidas e as

relações com o mundo, ou seja, a experiências e ousadia de existir, re-existir e re-fazer nossos cotidianos.

A proposta de investigações-vidas em educação pode nos ajudar a questionar a ideia do sujeito autônomo, a pedagogia intelectualizada (em sua desconexão com os afetos e os corpos) e a linearidade da mediação pedagógica (Freire, 1987). Suas provocações surgem, com força, da necessidade de enunciar um saber sensível sobre nossa sobrevivência e afetos nas teorias da educação, nas práticas de formação e no cotidiano, ou seja, um currículo-vida rizomático e afetivo. Precisamos mobilizar uma leitura dissidente da educação para novos mapas políticos e culturais, aprofundando o confronto discursivo entre normalidade e colonidade, ainda presente na universidade, tensionando um posicionamento político, ajudando-nos a refletir sobre novas estratégias, atitudes, procedimentos subversivos, demarcando possibilidades de negociação.

Pensar em políticas de aliança na educação. Há fortes possibilidades de estabelecer um diálogo com dissidentes para pensar outra educação ou possíveis estratégias de insurgências, questionar as hegemonias sistêmicas da formação do pesquisador em educação, bem como seus efeitos. Assim, acabo convidando a todos a desobedecer e desenvolver uma pesquisa-vida comprometida, de escrita-vivência e sem julgamento (Rocha; Brito; Dias, 2022; Silva; Dias, 2025).

Espero que eu esteja animado futuramente, como estou na escrita desse texto. Assim, com outros devaneios, poderei contar outras experiências de compor pesquisa em bando, com muito atritos de nossas quebras e estilhaços cortantes.

Informo que esse texto não terá escrita de conclusão, pois não cabe. Prefiro reproduzir a questão de Dayanna Louise que, de modo geral, estimulou a escrita desse texto: “Quantas palavras cabem numa pesquisa?” Como isso, espero ampliar seu alcance e estimular outras quebras com possibilidades de “teorias ruelas, academias em movimento, arte como mobilizadora de vidas”, como nos apontou Késia no ConQueer (2022).

**AGRADECIMENTOS:** Agradeço ao CNPq pelo financiamento do projeto “Investigações-vidas em educação: escrevivências, ativismos e alianças políticas na educação” através da Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 - Faixa B - Grupos Consolidados, processo: 422131/2023-7.

**CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:** concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. O autor leu e aprovou a versão final do manuscrito.

**CONFLITOS DE INTERESSE:** O autor declara que não há conflitos de interesse.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo:** crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DIAS, A. F. Escrevivências trans\* como potência. **Revista da FAEEBA**, v. 29, p. 293-308, 2020.

DIAS, A. F.; SILVA, I. P.; AMAR, V.; BRAZÃO, J. P. G. Diálogos sobre a diversidade sexual e de gênero no contexto da Rede Nordeste de Ensino de Pós-Graduação em Educação (RENOEN). **Revista Educação em Questão**, v. 61, n. 67, e31085, 2023.

FEITOSA, B. M. **Para um carregamento colonial, um ebó decolonial: saberes e fazeres da pedagogia do terreiro e sua contribuição para formação de professores.** 2022. 108 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

flores, v. **Deslinguada:** transbordamentos de uma proletária da linguagem. Machorraedicoes: Curitiba, 2021.

flores, v. **interruptiones.** Ensayos de poética activista. Escritura, política, educación. Neuquén: Editora La Mondonga Dark, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

LOUISE, D. Vai ter B.O: narrativas transvestigeneres para além das celas. **Notícias, Revista Docência e Cibercultura**, janeiro de 2024, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1751>>. Acesso em: 04/03/2024.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PEREIRA, P. P. G. Queer decolonial: quando as teorias viajam. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 5, n. 2, p. 411-438, 2015.

RIOS, P. P. S. **Estranho que habita em mim: narrativas de vida e formação de professores gays no semiárido baiano**. 2019. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.

ROCHA, K. A. **Manifesta por uma educação sem juízo: artivismos das dissidências sexuais e de generos, censuras e educação**. 2023. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

ROCHA, K. A.; BRITO, A. M.; DIAS, A. F. Vozerio: memórias, escrevivências e alianças políticas na educação. **Revista Cocar**, v. 16, n. 34, p. 1-15, 2022.

ROCHA, K. A.; BRITO, A. M.; DIAS, A. F. “Vai que a universidade se Trans\*Forma”: experiências e epistemologias trans\*. **Educação**, v. 47, n. 1, p. e29, 2022.

SANTOS, T. C. B. **Riscos, travessias e escreviências: a transarte e transpoesia como possibilidades para uma outra educação**. 2023. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

SILVA, José Henrique de Jesus; DIAS, Alfrancio Ferreira. Pedagogia acuir lombada. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 21, n. 52, p. e17494, 2025. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/17494>

VIEIRA, André Ricardo Lucas. **Do enredo à passarela da pesquisa: os saberes experienciais na docência em matemática**. 2022. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

**Recebido:** 3 de outubro de 2025 | **Aceito:** 2 de dezembro de 2025 | **Publicado:** 03 de janeiro de 2026



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.